

DISTÂNCIA DE FUGA E REATIVIDADE DE VACAS LEITEIRAS DE RAÇAS DISTINTAS

**GONÇALVES, Bianca Peter¹; PETERS, Mônica Daiana de Paula²;
HONORATO, Luciana Aparecida²; LOURENÇO, Lívia Argoud¹; BARBOSA
SILVEIRA, Isabella Dias⁴.**

¹ Graduando do curso de Zootecnia da UFPel. E-mail: biancag.faem@ufpel.edu.br
liviargoud@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Zootecnia- PPGZ/UFPel/Pelotas. E-mail:
monipaulapeters@yahoo.com.br / luchonorato@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas/Departamento de Zootecnia. E-mail:
isabella.barbosa@ufpel.tche.br

1 INTRODUÇÃO

O sucesso de uma criação depende fundamentalmente do manejo, portanto é de grande importância trabalhos sobre temperamento em diferentes raças. A influência genética sobre o temperamento, em gado de corte, já é bem conhecida, mas poucos estudos foram feitos usando testes de manejo em gado leiteiro, onde geralmente, o mérito genético para maior produção de leite faz com que os produtores dêem pouca importância às características de temperamento das raças.

Testes para verificar principalmente reações de medo em animais têm sido estudados. Entre eles, a distância de fuga, a qual é considerada como a menor distância que o animal permite que alguém se aproxime sem reagir a esta aproximação. Essas distâncias variam de acordo com a espécie, o indivíduo e as condições ambientais (Fraser, 1980). Segundo Phillips (1993), a distância de fuga é determinada pelo ambiente, tipo de gado e sua posição social na ordem hierárquica. O gado de corte tem uma distância de fuga maior do que o gado leiteiro, inclusive no mesmo ambiente. Isto demonstra que a curta distância de fuga apresentada pelo gado leiteiro foi selecionada durante a sua evolução doméstica, sendo também, provavelmente, devido ao manejo diário.

Em vacas leiteiras a distância de fuga varia entre 0 - 7 metros (Grandin, 1993) ou entre 0 - 5 metros (Yunes, 2001) sendo possível que o fator raça tenha influência sobre essa distância.

A reatividade é uma característica comportamental importante, a qual afeta praticamente todas as características de importância econômica para os sistemas de produção. Em geral, animais menos reativos apresentam melhor desempenho (Aguilar, 2007). No entanto, trabalhos verificando se existe variação na reatividade de vacas de diferentes raças são inexistentes.

Assim, objetivou-se analisar a reatividade e a distância de fuga de vacas leiteiras de diferentes raças.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em setembro de 2009, por um período de seis (6) dias em uma unidade de produção leiteira (UPL) no município de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Observou-se 28 vacas em lactação, das raças Holandês (18) e Jersey (10), com idade média de seis (6) anos (variação de 3 a 11 anos). As vacas eram

ordenhadas duas vezes ao dia, recebendo concentrado individualmente durante a ordenha. No manejo diário as vacas eram mantidas em campo nativo em sistema extensivo e após a ordenha da tarde recebiam silagem em comedouros coletivos em um piquete com água e sombra, onde permaneciam até a ordenha da manhã seguinte.

O teste de reatividade foi realizado na sala de ordenha, onde o comportamento das vacas foi observado desde a preparação do úbere até a retirada das teteiras. Foi registrado através da movimentação dos membros posteriores, utilizando o seguinte escore, adaptado de Rosa (2002): “Não reativa”, quando a vaca permanecia com os membros posteriores imóveis; “Pouco reativa”, quando a vaca movimentava pelo menos um dos membros posteriores, levantando-o até 15 cm do chão; “Reativa”, quando a vaca movimentava pelo menos um dos membros posteriores, levantando-o em direção ao ordenhador.

O teste de distância de fuga, considerado como a menor distância que o animal permite que alguém se aproxime sem reagir a esta aproximação, foi feito no campo onde se encontravam os animais. Foi realizado sempre pela mesma pessoa e registrada a distância de fuga em metros.

Os dados foram submetidos à análise não paramétrica através do teste Cochran-Mantel-Haenzel, utilizando o procedimento FREQ (SAS, 1989) para verificar a relação entre a raça e a reatividade, e raça com distância de fuga.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vacas da raça Jersey apresentaram uma distância de fuga média menor do que vacas da raça Holandês ($P= 0,003$) (Figura 1).

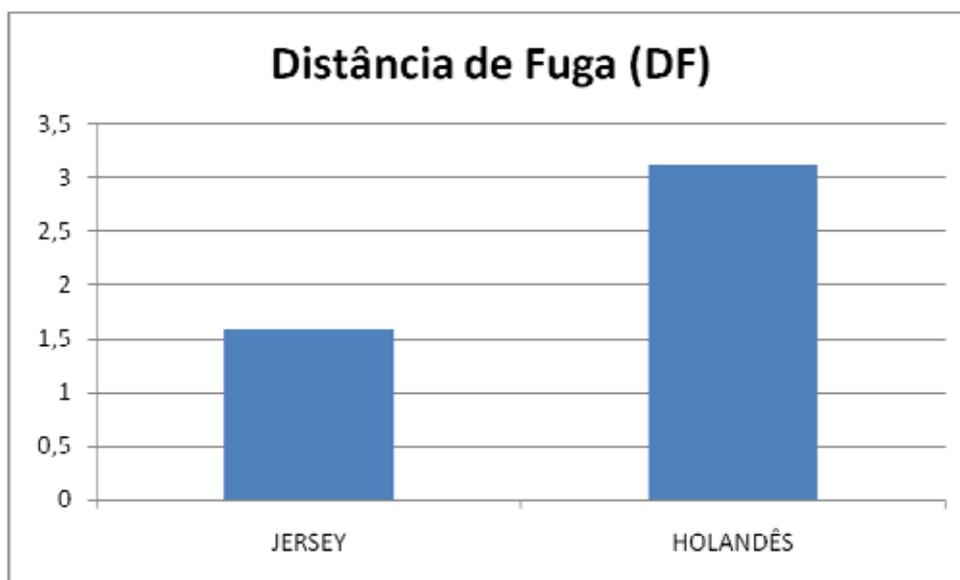


Figura 1 Distância de fuga média de vacas das raças Holandês e Jersey.

A distância de fuga para animais da raça Jersey variou entre 0 e 3 metros, apresentando média de 1,6 m, enquanto que vacas da raça Holandês apresentaram distância de fuga entre 1 e 5 metros e média de 3,11 m. Esse resultado deve ser considerado com cautela, por haver um número limitado de animais em cada raça, porém, os resultados direcionam para a existência de

diferenças entre as duas raças na relação com humanos. Para Murphey et al. (1980) a distância de evitação é uma característica relativamente estável de raças, porém, seus estudos compararam raças de corte com raças de leite, onde essas diferenças são bem perceptíveis. Waiblinger et al. (2003) não encontraram diferença na distância de evitação entre raças leiteiras, contudo, não foi totalmente excluída a possibilidade de haver um efeito da raça por também haver um número limitado de animais no experimento. Portanto, estudos futuros deverão abordar essa questão, utilizando um número maior de animais.

Com relação à reatividade das vacas na sala de ordenha, não houve diferença ($P= 0,3661$) entre raças. Este resultado deve-se possivelmente aos animais pertencerem ao mesmo grupo genético (*Bos taurus taurus*), pois segundo Barbosa Silveira (2005), existem importantes diferenças entre os grupos genéticos *Bos taurus taurus* (de origem européia) e *Bos taurus indicus* (de origem asiática). No entanto, até o momento inexistem estudos que verifiquem diferenças na reatividade dentro do mesmo grupo genético em bovinos leiteiros.

Portanto, maiores pesquisas são necessárias para avaliar a reatividade em diferentes raças leiteiras, pois a reatividade é uma característica que pode ser utilizada como critério para seleção ou descarte dos animais.

4 CONCLUSÕES

A raça do animal influencia a distância de fuga, sendo que vacas da raça Jersey permitem uma maior aproximação do humano do que a Holandês. No entanto, a reatividade dos animais na sala de ordenha não foi influenciada pela raça.

Estas diferenças comportamentais devem ser consideradas na seleção de animais e no manejo diário do rebanho.

5 REFERÊNCIAS

AGUILAR, N. M. A. **Avaliação da reatividade de bovinos de corte e sua relação com caracteres reprodutivos e produtivos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Zootecnia). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2007.

BARBOSA SILVEIRA, I. D. **Influência da genética bovina na suscetibilidade ao estresse durante o manejo e seus efeitos na qualidade da carne**. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

FRASER, A.F. **Comportamiento de los Animales de Granja**. Zaragoza: Acribia, 1980.

GRANDIN, T. Behavioral agitation during handling of cattle is persistent over time. **Applied Animal Behaviour Science**, v.36, p.1-9, 1993.

MURPHEY, R. M., MOURA DUARTE, F. A., PENEDO, M. C. T. Approachability of bovine cattle in pastures: breed comparisons and a breed x treatment analysis. **Behaviour Genetics**, v.10, p.171–181, 1980.

PHILLIPS, C. J. C. **Cattle Behaviour**. UK:Farming Press, 1993.

ROSA, M. S. **Interação entre retireiros e vacas leiteiras na ordenha**. 2002. Dissertação (Mestrado em Zootecnia). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal. 2002.

SAS Institute inc. SAS/STAT® User's Guide, Version 6, 4 ed., Cary, NC:SAS Institute Inc., v.2 , 1989.

WAIBLINGER, S.; MENKE, C.; FÖLSCH, D. W. Influences on the avoidance and approach behaviour of dairy cows towards humans on 35 farms. **Applied Animal Behaviour Science**, v.84, p. 23–3, 2003.

YUNES, M. C. **Efeito da hierarquia social na produção, na reprodução e na interação humano-animal de vacas leiteiras**. 2001. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas), Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.